

AS ESTRATÉGIAS DO DISCURSO POLÍTICO: UMA ANÁLISE DE IMAGENS E PROCEDIMENTOS LINGUÍSTICOS

Luiz Felipe Melo Eduardo
Mestrando em Linguística (UERJ)
luizfelipemelo@gmail.com

RESUMO

Objetiva-se, neste artigo, realizar uma análise discursiva de um debate político, procurando identificar as diversas estratégias que os candidatos utilizam nas cenas linguísticas para a criação do *etos*, assim como observar os meios pelos quais os candidatos tentam não só preservar essas imagens criadas, mas também desenvolver uma crítica, na tentativa de prejudicar as imagens de seus adversários. Assim, pretende-se analisar as diversas estratégias discursivas utilizadas pelos políticos, na tentativa de conquistar o seu eleitorado. O estudo que ora se apresenta trata de uma análise do discurso político, segundo a teoria da AD de linha francesa, com base, nos postulados de Charaudeau (2008) e Maingueneau (2005). O *corpus* de análise selecionado foi obtido a partir da gravação do debate político entre os candidatos a presidência da república, realizado em dois mil e dez, pela Rede Globo de televisão.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso, *etos*, máscaras, argumentação, persuasão

ABSTRACT

Our goal is, in this work, to conduct a discourse analysis of a political debate, trying to identify the different strategies that candidates use language in scenes to create the *ethos*, as well as observing the means by which candidates try to not only preserve these images created but also to develop a critical, in an attempt to undermine the images of their opponents. Thus, we intend to analyze the various discursive strategies used by politicians, in an attempt to win his electorate. The study presented here is an analysis of the political discourse in theory of AD French line, based in the postulates of Charaudeau (2008) and Maingueneau (2005). The corpus selected for analysis was obtained from the recording of political debate among the candidates for the presidency of the republic held in two thousand and ten, by Globo TV.

KEYWORDS: Discourse Analysis, *ethos*, masks, argumentation, persuasion

INTRODUÇÃO

Pode-se afirmar que a linguagem permite ao homem pensar e agir. Isso porque não há ação sem pensamento, nem pensamento sem linguagem. Sem a linguagem, o homem não saberia estabelecer vínculos psicológicos e sociais com o outro que é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente. Nesse sentido, deve-se admitir que a linguagem é um poder e, segundo Charaudeau (2008a), talvez o primeiro poder do homem.

No entanto, esse poder depende do modo como os homens o constroem, através de suas trocas, seus contatos e através das máscaras que assumem na encenação verbal. Nesse caso, inclui-se o discurso político, que, por sua vez, configura-se, por excelência, como o lugar de um jogo de máscaras. (cf. Charaudeau, 2008b)

No discurso político, como poderemos verificar a partir de um contexto de debate, o locutor/candidato deixa de se situar em um “nível da convicção”, mas ultrapassa-o, com o intuito de “atingir o nível da ação”, a fim de levar o “público ouvinte a agir pelo voto” (Coracini, 1991, 42-43). Por estar inserido em uma situação tensa e conflituosa, em disputa com outros políticos no caso desta pesquisa, com outros candidatos à Presidência da República o candidato esforça-se por argumentar e convencer o seu interlocutor (eleitor em potencial) de que é o mais indicado para ocupar o cargo público disputado.

O objetivo deste artigo é realizar uma análise discursiva de um debate político, procurando identificar as diversas estratégias que os candidatos utilizam nas cenas linguísticas para a criação do *etos* (autoimagem), assim como observar os meios pelos quais os candidatos tentam não só preservar essas imagens criadas, mas também desenvolver uma crítica, na tentativa de prejudicar as imagens de seus adversários.

Dessa forma, será possível compreender o funcionamento da linguagem no discurso político e, mais precisamente, admitir que toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada pelo que ela diz e não diz.

JUSTIFICATIVA

Este trabalho é importante para a descrição linguística, pois analisa as diversas estratégias discursivas utilizadas pelos políticos, na tentativa de conquistar o seu eleitorado. A estratégia discursiva escolhida como a mais pertinente a ser observada neste artigo é a

construção que o candidato faz de uma imagem de si mesmo, perante os eleitores, na busca incessante pela vitória nas eleições.

A análise que será realizada neste trabalho é de um debate recente e pouco explorado até o presente momento, seguindo a linha francesa de Análise do Discurso. A teoria da Análise do Discurso, em sua vertente francesa, torna-se adequada a uma análise deste perfil, já que contempla aspectos relacionados à ideologia que condiciona o sujeito linguístico e sua fala, predeterminando o que ele pode ou não dizer em uma determinada conjuntura histórico-social.

Para uma análise do *etos* no discurso político, a escolha do *corpus* não foi problemática, visto que foi possível optar pela seleção de um debate político (cf. item 4.1). Optou-se por analisar o gêneroⁱ debate, pois nele pode-se obter uma análise do “jogo de máscaras” e das ferramentas utilizadas pelos atores políticos, na tentativa de afetar a imagem criada por seus adversários, assim como preservar a sua própria imagem.

Este artigo analisa os quatro candidatos que participaram deste debate (Dilma Rousseff, do PT; José Serra, do PSDB; Marina Silva, do PV; e Plínio de Arruda Sampaio, do PSOL), não se limitando a apenas um deles. Busca-se, enfim, realizar uma análise mais apurada do discurso político, que, por sua vez, evidencie a relação entre a linguagem e o seu funcionamento.

REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo que se apresenta trata de uma análise do discurso político, segundo a teoria da Análise do Discurso de linha francesa, com base, principalmente, nos postulados de Charaudeau (2008a, 2008b) e Maingueneau (2005). De acordo com essa linha, o sujeito, ao produzir o seu discurso, assume uma posição histórica e social, evidenciando, assim, a sua formação ideológica. O sujeito, então, seleciona o que pode e deve ser dito, estabelecendo uma seleção de valores e formas linguísticas que é chamada de formação discursiva.

O referencial teórico deste artigo será dividido em três tópicos: o primeiro abordará a análise semiolinguística proposta por Patrick Charaudeau (*op.cit.*) e a argumentação, um dos recursos mais importantes do discurso político, assim como os aspectos argumentativos que serão analisados no *corpus* deste trabalho, de acordo com Citelli (2004) e Koch (2004). No segundo tópico, o “jogo de máscaras”, instituído através das diversas imagens que são criadas

num debate político, será observado, seguindo os postulados de Maingueneau (*op.cit.*) e Amossy (2005).

Esses dois autores deram sequência ao trabalho sobre a retórica de Aristóteles e a discussão sobre a sua trilogia retórica: *O logos, etos e pathos*. No terceiro tópico, o termo *etos* será discutido, assim como as diversas imagens que são instituídas em um discurso político, constituindo, assim, um recurso persuasivo muito utilizado pelos enunciadores da instância política.

I. A ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DO DISCURSO E A ARGUMENTAÇÃO

A principal base teórica deste artigo é a teoria semiolinguística postulada por um dos autores da análise do discurso de linha francesa, Patrick Charaudeau. Esta teoria tem como base a ação comunicativa e os aspectos físicos e mentais que apresentam os participantes de uma troca linguageira. O autor considera o receptor de uma interação como um interlocutor que organiza uma interpretação sobre as circunstâncias do discurso, chamado, desse modo, de um tu-interpretante.

A semiolinguística trabalha com outros campos de estudo, o que lhe confere um estudo de caráter interdisciplinar, relacionando entre si determinados questionamentos que abordam o fenômeno da linguagem. A denominação Semiolinguística pode ser decomposta nos itens *semio*, referente à construção de sentidos, cuja forma se realiza em diferentes sistemas semiológicos, e *linguística*, referente à disciplina que tem como objeto de estudo as línguas naturais.

A semiotização acontece através de um duplo processo, segundo o autor: o processo da transformação, referente à ação de um sujeito falante, de significar o mundo; e o processo de transação, que se realiza numa troca com outro sujeito. Dentro desse duplo processo, o autor destaca alguns tipos de princípios: um princípio de transação, abordado pelo autor e que será um ponto importante para este trabalho, é o princípio de influência. Este princípio trata de compreender o ato de linguagem ligado à sua devida situação de comunicação, voltado para o outro sujeito da qual se comunica, num princípio de influência: “O princípio de influência: todo o sujeito que produz um ato de linguagem visa atingir seu parceiro, seja para fazê-lo agir, seja para afeta-lo emocionalmente, seja para orientar seu pensamento” (CHARAUDEAU, 2005, p.15).

Esse princípio de influência é produzido através do ato languageiro de um enunciador como meio de persuadir os seus interlocutores, tentando guiar o seu o pensamento. A persuasão e a intencionalidade discursiva são traços presentes no sujeito de uma interação, segundo a teoria semiolinguísticaⁱⁱ, assim como os seus aspectos psicológicos e sociais.

Outro traço importante dessa teoria são as condições de produção da linguagem que seriam as relações que os parceiros de um ato de linguagem têm com o propósito languageiro e entre ambos. O autor trabalha com a metáfora do ato de comunicação como um teatro, trazendo as relações intersubjetivas nas representações dos sujeitos que participam da interação. Essas relações seriam de ordem psicossocial, ou seja, situacional e linguística, realizada na e pela linguagem. Essa metáfora será trabalhada no *corpus*, com os atores políticos na cena discursiva (debate político).

Além da teoria semiolinguística, a argumentação também será foco deste estudo, por ser um dos aspectos do discurso político. Segundo Pauliukonis (*apud* SANTOS, 1996, p.39), a argumentação pode ser entendida como "o esforço despendido pelo emissor para conduzir o raciocínio do ouvinte a uma determinada conclusão." A argumentação é um recurso inerente da linguagem e muito utilizado pelos atores de uma encenação política. Os argumentos são essenciais para que o enunciador consiga persuadir o seu interlocutor; no entanto, eles devem ser bem fundamentados e explicados para que o enunciador consiga comprovar o seu ponto de vista.

No discurso político, o tipo de argumentação mais usado é a construção do raciocínio através dos dados, ou seja, o enunciador utiliza-se de dados como provas concretas para fundamentar o seu ponto de vista e conseguir persuadir um auditório, conquistando, assim, novos adeptos para a sua candidatura.

II. O DISCURSO POLÍTICO: UM JOGO DE MÁSCARAS

O discurso político é, por excelência, dotado de persuasão, como já se disse. Além da argumentação abordada no tópico anterior, a persuasão é um dos aspectos mais importantes desse discurso. Podemos encontrar nos atores que participam dele, a utilização de recursos retóricos e procedimentos linguísticos como meios de persuasão, na tentativa de se eleger num cargo público por meio da votação popular.

Ao longo dos séculos, os estudos sobre a retórica foram se aperfeiçoando, tendo como um dos seus principais colaboradores Aristóteles, que, através do seu estudo sobre a retórica,

organizou três aspectos importantes para a persuasão no discurso. Esses aspectos seriam as disposições que o enunciador cria nos seus interlocutores, o seu próprio discurso e os seus valores, demonstrando o seu caráter moral e adquirindo a confiança das demais pessoas presentes nesta interação. Com esse pensamento, Aristóteles trouxe aos estudos sobre a retórica, a persuasão e a dialética, que seria a discussão das possibilidades e dos indícios através do discurso.

Baseada nos estudos de Aristóteles, Amossy (2005) diz que: "O lugar que engendra o *etos* é, portanto, o discurso, o *logos* do orador, e esse lugar se mostra apenas mediante as escolhas feitas por ele" (AMOSSY, 2005, p.31). Portanto, para que o enunciador consiga persuadir seu auditório, ele deverá utilizar as três características produzidas através do discurso como meios persuasivos: *logos*, *etos* e *pathos*.

O *logos* (argumento) seria o próprio discurso, as propostas e os argumentos apresentados pelo candidato em cada tema discutido. Já o *etos* (imagem), seria a autoimagem que o ator político institui perante os seus interlocutores; e o *pathos* (paixão), voltado para o sentimento, em que o candidato tenta conquistar os eleitores através da demonstração de proximidade e preocupação com os desejos dos mesmos. "Vê-se que a persuasão usada pelo discurso político relaciona-se com a paixão, com a razão e com a imagem" (CHARAUDEAU, 2008b, p.93), constituindo, assim, o triângulo da dramaturgia política.

Em um debate político, temos não só o confronto entre adversários políticos, que apresentam propostas para a melhoria de um país, como também o embate de imagens que são criadas ao longo do período eleitoral. No debate, essas imagens são expostas na tentativa de persuadir os eleitores e conseguir o maior número de votos, podendo ser atacadas pelos adversários e necessitando de uma auto preservação, para não afetá-las gravemente. Esse jogo de significações, de preservação e de desqualificação de imagens também será observado no *corpus*, analisando os recursos utilizados pelos candidatos nesse grande "jogo de máscaras" que é instituído através da construção do *etos*.

Este jogo é um mecanismo discursivo no qual o ator político tenta persuadir seus eleitores, na busca incessante de ser eleito pelo povo. O político sabe que não é possível dizer sempre o que sente e o que pensa; em certos momentos, é preciso usar esses recursos de máscaras, de parecer estar dizendo a verdade. O candidato ao cargo público tenta em seu discurso impor a sua verdade aos eleitores, apresentando o recurso persuasivo do *etos*, podendo obter êxito ou não. Ele não trabalha no âmbito da veracidade, mas sim no da verossimilhança, ou seja, do parecer ser verdadeiro.

O ator deste discurso se constrói através da desconstrução do outro, num jogo de significações, ou seja, o enunciador necessita que a sua verdade se sobressaia perante os seus adversários políticos, e para isso é necessário um conhecimento prévio dos valores, da ética e do comportamento da sociedade (eleitores) que ele pretende persuadir. Esse traço comprova que todo discurso é um discurso de poder, pois em todos eles o enunciador almeja atribuir a sua verdade acerca dos temas propostos numa interação social. No discurso político, a luta por este poder é reconhecida de maneira explícita, ao contrário de outros tipos de discursos.

III. A CONSTRUÇÃO DO *ETOS*: UM PODER DE PERSUASÃO

Segundo Amossy (2005), nos seus estudos sobre a construção das imagens no discurso, o *etos* é definido como a imagem que os parceiros linguísticos criam numa interação verbal. Essa imagem influencia as posturas e opiniões numa determinada interação social, determinando os modos como essa interação entre os sujeitos irá se estabelecer. A autora segue a lógica de Aristóteles, que aborda o termo como a autoridade que a figura do orador e o seu modo de interagir adquirem sobre os seus interlocutores, sendo um forte mecanismo discursivo de persuasão e agindo na forma de argumentação.

Já Maingueneau (2005) trabalha a noção de *etos* não só como um recurso de persuasão e formador de posturas e opiniões, como também um termo de noção sócio-discursiva. Para o autor, a imagem atribuída numa interação tem uma atuação social e é associado a uma conjuntura sócio-histórica, sendo vinculada aos recursos persuasivos utilizados pelo enunciador.

Seguindo essa associação das imagens discursivas a circunstâncias sociais e históricas, o autor também distingue dois tipos de imagens: o *etos* discursivo e o *etos* prévio. O primeiro seria a imagem que o enunciador constrói de si numa interação, na e pela linguagem, já o segundo seria a imagem que o enunciador tem no seu ambiente social, ou seja, seriam os valores sociais que são conhecidos por antecedência pelo enunciador. O autor considera o *etos* como um traço complementar do processo de enunciação e não apenas um elemento persuasivo.

No discurso político, em que é vinculada uma figura de oposição ao enunciador e sua autoimagem, Maingueneau (op.cit.) denomina essa imagem do adversário político como *antietos*. O recurso de oposição de imagens é muito utilizado pelo ator político, ele constrói a sua imagem e tenta colocá-la em oposição à imagem do seu adversário. Além do *antietos*, o

autor também utiliza a noção de *tom*, que seria o modo como o enunciador assume o seu enunciado numa interação. Esse *tom* pode ser assumido, conforme a posição que o enunciador ocupa no momento em que ele enuncia seu discurso. Assim, ele direciona o seu texto e cria a sua auto-imagem numa interação.

Segundo Charaudeau (2008b), essas imagens são extremamente frágeis e que, dependendo do momento histórico e da cultura do país, podem ser adoradas ou rejeitadas, demonstrando algumas fortes características do discurso político como a dinamicidade, a fragilidade e a sua condição provisória: “Qualquer que seja a construção dessas imagens e de seus efeitos sobre os povos, um fato se revelou para a história: elas são frágeis. Adoradas um dia, podem ser queimadas no dia seguinte” (CHARAUDEAU, 2008, p.89).

O *etos* também pode ser construído no discurso político de maneira institucional, pois quando um determinado ator político apresenta o seu discurso na instituição que representa, ele se caracteriza num *etos* coletivo. O político procura entrar em consenso com a imagem desta instituição e com a ideia de valores, caráter e credibilidade que a sociedade tem dos integrantes que compõem este parlamento. Esta imagem associada às instituições que o enunciador representa, pode ser vista no discurso político, sobretudo, quando algum membro apresenta um desvio de conduta, tendo a sua credibilidade e sua honestidade debatida por toda a sociedade, atingindo dessa forma a imagem da instituição que representa.

Para uma análise das imagens criadas num debate político, Charaudeau (2008b) será utilizado, pois, na obra, o autor desenvolve algumas figuras identitárias do discurso político que costumam sempre aparecer neste discurso. As figuras dos *etos* de credibilidade, de “sério”, de “virtude”, de “competência”, de “caráter”, de “humanidade”, de identificação, entre outras serão analisadas e identificadas no corpus.

METODOLOGIA

Esta pesquisa será realizada à luz dos postulados advindos da Linguística, mais especificamente da Análise do Discurso. Segundo Martelotta (2008), a linguística é a disciplina que estuda cientificamente a linguagem e pode ser considerada uma ciência empírica, descritiva, analítica e não prescritiva. Em momento algum esta pesquisa fará uma apreciação crítica ou qualquer juízo de valor sobre os dados coletados, mas ao contrário, tentará, minuciosa e empiricamente, descrever e analisar esses dados. Este estudo adotará um método de análise quanti-qualitativa, com a finalidade de, em um primeiro momento, coletar

os dados necessários para a mesma e, num segundo momento, interpretá-los a partir dos pressupostos teóricos da AD, de linha francesa.

O debateⁱⁱⁱ aqui analisado, teve como mediador o jornalista William Bonner e foi dividido em quatro blocos. No primeiro e no terceiro blocos, os temas das perguntas que os candidatos fariam entre si foram definidos por sorteio; já no segundo e no quarto blocos, observam-se discussões sobre temas livres, escolhidos pelos próprios candidatos; no final desse quarto e último bloco, cada candidato teve direito às suas considerações finais.

ANÁLISE DO CORPUS

Nesta seção, será realizada a análise do *corpus*, que consiste em uma situação de debate político^{iv}, com os quatro candidatos mais bem colocados nas pesquisas eleitorais à presidência da república do Brasil, em 2010. Os quatro candidatos que participaram de tal debate foram: Dilma Rousseff, do PT; José Serra, do PSDB; Marina Silva, do PV; e Plínio de Arruda Sampaio, do PSOL.

EXEMPLO 1:

"Boa noite, aos telespectadores, aos candidatos. Uma das grandes conquistas do governo do presidente Lula foi a melhoria da questão da formalização do trabalho no Brasil. Até dois mil e cinco, o que a gente via era esse processo do bico, do jeito para poder ter uma renda ou até sobreviver. Com o governo do presidente Lula, nós aumentamos bastante a formalização do trabalho. Tanto é assim, que batemos todos os recordes na geração de emprego com carteira assinada, e criamos quatorze milhões e meio de empregos até o momento". (Dilma Rousseff, no primeiro bloco do debate).

Neste primeiro exemplo, pode-se notar que a candidata Dilma Rousseff, ao responder a pergunta de sua adversária Marina Silva, sobre o crescimento do trabalho informal no país, tenta estabelecer uma imagem, utilizando um recurso muito comum em uma cena política, como o debate televisionado, sobretudo, por candidatos da situação, ou seja, o candidato escolhido para suceder o atual governante de um país.

Ela, a todo tempo, tenta atrelar sua imagem à figura do popular presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Dilma demonstra, através de seu discurso e do emprego dos verbos na primeira

pessoa do plural, como *criamos* e *batemos*, que é a candidata certa para dar continuidade a um governo com altos índices de aprovação, pelo fato de estar mais próxima do atual governo, aprovado pelo povo, até então.

A candidata tenta demonstrar um *etos* de "competência", voltado para a credibilidade do ator político perante os eleitores. Ela tenta instituir esta imagem, não só no *corpus* aqui analisado, como em toda a campanha eleitoral, pois chegou a este debate liderando as diversas pesquisas de Ibope. Isso demonstra que a forte ligação com a imagem do presidente Lula é um recurso benéfico que trouxe resultados expressivos para a sua campanha.

A candidata, através da demonstração desta imagem de competente, tenta persuadir os eleitores, através da sua união e confiança com o atual presidente e de argumentos, de que ela participou desses oito anos em que o presidente esteve no poder e de que junto com ele criou quatorze milhões de empregos com carteira assinada, demonstrando ter a mesma competência para governar o Brasil por mais quatro anos, como se vê no fragmento supracitado e reproduzido aqui: "batemos todos os recordes na geração de emprego com carteira assinada, e criamos quatorze milhões e meio de empregos até o momento".

Além desse recurso, a candidata apresenta, a todo momento, a figura da mulher, pois, até então, o Brasil nunca tivera uma presidente. Tanto a candidata Dilma, como a sua adversária Marina Silva, utilizaram este recurso, tentando conquistar os votos do eleitorado feminino, proclamando-se a possível primeira presidente do país.

A candidata Dilma apresentou, não só neste exemplo, como em todo o debate, um "falar tranquilo", com falas pausadas; no entanto, em alguns momentos, a candidata demonstrou um certo nervosismo nas respostas, chegando a gaguejar e a trocar palavras da língua portuguesa. Essa troca aconteceu ao responder a uma pergunta da candidata Marina Silva sobre a violência nas grandes cidades. Dilma, ao invés de falar a palavra tráfico, utiliza a palavra tráfego, consertando logo após esse deslize.

A ligação com a imagem do atual presidente, ao longo do debate, será bastante atacada pelos adversários da candidata, de diversas maneiras, explícita ou implícita, instituindo o jogo de máscaras, tão presente neste discurso. A candidata irá se defender sempre demonstrando sua união com o atual presidente e afirmando que teve uma enorme participação nas diversas "realizações" do atual governo federal.

EXEMPLO 2:

“Olha, a minha política pra funcionalismo público é completamente diferente da do seu governo, completamente. Não tem terceirização, não tem arrocho de salários não tem privatização, tudo isto para enfraquecer a máquina do Estado. Ora, você era ministra, não vi você reclamar contra isso, não vi você dizer absolutamente nada contra isso e você vem agora perguntar pra mim, o que eu acho do funcionalismo. É óbvio, a minha vida, primeiro eu sou funcionário público, a minha vida inteira fui funcionário público e segundo, eu acho que nós temos que valorizar o servidor público. E quando você terceiriza, quando você privatiza, você na verdade diminui o funcionário público, de modo que, eu queria saber se a gente vai ter mesmo, um servidor valorizado, caso você chegue, o que eu não creio, à presidência da república. É isso que eu espero e você possa responder aqui hoje. Se você de fato se compromete a não terceirizar mais, a não privatizar mais nada, a retomar aquelas empresas públicas que foram privatizadas no seu governo e no governo anterior também, aqui sobrou pra todo mundo, porque de fato todos estão nessa faixa neoliberal, todos estão pelo capital. Ninguém aqui tá nem pelo funcionário e nem pelo operário. Essa é a verdade dessa eleição. É isso que precisa ser dito aqui e que vai ser dito hoje, nesse debate democrático que nós estamos travando aqui na rede Globo”. (Plínio de Arruda Sampaio, no primeiro bloco do debate).

Neste segundo exemplo, o candidato Plínio de Arruda Sampaio, do PSOL, instaura o "jogo de máscaras", em um jogo de significações, atacando a imagem da sua adversária Dilma Rousseff, do PT. O candidato, que, no seu passado, foi um dos fundadores do partido dos trabalhadores, faz duras críticas a sua adversária e ao atual governo federal.

No exemplo 2, ainda diz que: "Caso você chegue, o que eu não creio, à presidência da república", tentando demonstrar aos eleitores que, ao contrário do que sua adversária afirmou no início do debate, no primeiro exemplo, ela não é a candidata mais indicada e preparada, segundo ele, para se tornar presidente da república, pois, quando foi ministra, nunca discutiu sobre o funcionalismo público.

Ele apresenta a sua visão sobre o funcionalismo público e tenta se aproximar da classe, ao dizer que por toda a sua vida foi funcionário público. Plínio tenta apresentar a imagem de um candidato diferente dos demais, dos partidos que já passaram pelo governo e que já tiveram a oportunidade de governar o país. "Às vezes, esses atos são especificados em

entrevistas ou em debates: "Eu não sou como os outros. Não renego meus compromissos" (CHARAUDEAU, 2008, p. 123).

Essa imagem pode ser observada no momento em que o candidato diz em sua resposta: "Se você de fato se compromete a não terceirizar mais, a não privatizar mais nada, a retomar aquelas empresas públicas que foram privatizadas no seu governo e no governo anterior também, aqui sobrou pra todo mundo, porque de fato todos estão nessa faixa neoliberal, todos estão pelo capital. Ninguém aqui tá nem pelo funcionário e nem pelo operário. Essa é a verdade dessa eleição..." O candidato tenta instituir um *etos* de virtude, demonstrando ter seguido a mesma linha de pensamento e ação durante toda a sua vida pública e política, tentando demonstrar ser um candidato de fora do sistema, do povo, dos cidadãos brasileiros.

O candidato Plínio apresentou ao longo do debate um "falar tranquilo", entretanto demonstrou dispersão em alguns momentos, como ao elaborar uma pergunta ao candidato José Serra, do PSDB, no primeiro bloco do debate, em que o candidato demorou treze segundos para formulá-la, não conseguindo terminar a sua linha de raciocínio, sendo interrompido pelo mediador William Bonner. Essa dispersão afeta a imagem do candidato, pois os eleitores podem achar que o candidato não está totalmente focado nas eleições e nos seus projetos.

EXEMPLO 3:

"Plínio, boa noite inicialmente a você, a Dilma, a Marina, ao Bonner, a todos e a todas e quero começar dizendo que a minha proposta de reforma tributária, ela alivia a carga de impostos sobre os pobres, isto é fundamental, é o contrário do que você afirmou. Em que sentido, eu já fiz inclusive no governo do Estado, fiz na própria constituição quando fui o autor do artigo que permitiu ter taxas de impostos diferentes segundo a essencialidade dos produtos, esta foi uma emenda de minha autoria. Eu quero tirar o imposto sobre alimentos básicos, sobre os medicamentos, coisa que eu já fiz, parcialmente, quando fui ministro, pelo menos em relação aos impostos federais e fazer um sistema que combata a sonegação. Porque a sonegação faz com que, quem paga imposto hoje, paga o dobro do que pagaria, se todo mundo pagasse, é mais ou menos assim." (José Serra no primeiro bloco do debate)

Já neste terceiro exemplo, também presente no primeiro bloco do debate, o candidato do PSDB, José Serra, ao responder a afirmação do seu adversário Plínio de Arruda Sampaio sobre reforma tributária, de que a sua reforma tributária aumenta a carga dos mais pobres e reduz a dos mais ricos, Serra se defende desta afirmação e tenta estabelecer as imagens (*etos*) de "competência" e de "caráter", ao tentar destacar as suas "realizações" como governador e prefeito do estado de São Paulo. O candidato utiliza-se de um recurso comum do discurso político, que é o de destacar os projetos realizados em outros cargos públicos ao longo de sua carreira política, tentando demonstrar competência, caráter e experiência.

Esse recurso persuasivo, de dar ênfase à sua experiência e à sua carreira política será utilizado durante todo o debate pelo candidato José Serra, que na maioria de suas respostas, citará alguma emenda ou projeto de sua autoria para focar o seu discurso nas suas "realizações" como político competente e experiente. Este recurso é um exemplo básico, da argumentação através da apresentação de dados, do uso de provas para fundamentar o seu ponto de vista, tentando conquistar o eleitorado.

Segundo Patrick Charaudeau (2008b), para que o ator político consiga estabelecer o *etos* de "competência" numa cena política, ele deve ter o profundo conhecimento do domínio particular que exerce a sua atividade como político e provar que tem a experiência e os meios necessários para alcançar os objetivos prometidos durante a campanha eleitoral.

O candidato José Serra, ao longo do debate, utilizou-se de procedimentos linguísticos, como o "falar tranquilo", demonstrando segurança ao debater com seus adversários, com uma fala pausada e calma, se excedendo em poucos momentos. Este procedimento de "falar tranquilo" geralmente é utilizado na tentativa do enunciador de não se expor, para não ser atacado desnecessariamente e passar por constrangimentos que afetem a sua própria imagem.

O candidato se excede no momento em que tenta atacar, de maneira implícita, a imagem da candidata, que está à sua frente nas pesquisas, Dilma Rousseff (PT). Isso será observado no quinto exemplo, assim como no quarto bloco, em que José Serra aparenta se sentir incomodado com uma pergunta da candidata Marina Silva, referente ao programa 'bolsa família'. José Serra tenta afetar a imagem da candidata do PV ao compará-la com a candidata Dilma Rousseff, do PT e ao lembrar que Marina teve uma saída conturbada do PT, tendo sido membro do partido na época do escândalo do mensalão.

EXEMPLO 4:

"Quem acompanhou os lamentáveis episódios do morro do Bumba. E quem acompanhou o sofrimento da população do morro dos prazeres aqui no Rio de Janeiro sabe o que é ter a sua casa destruída, ter a sua família ceifada e depois ver isso ser tratado apenas pela lógica de reparar e de tentar resolver o leite quando ele já foi derramado. A minha proposta é que tenhamos graças ao IMPACTUS com seus supercomputadores, a criação de sistemas nacionais de alerta, que possamos ativar o fundo nacional de defesa civil e que ao mesmo tempo a gente possa fazer mapa de risco, a gente possa treinar a população para que nunca mais isso se repita e que não aconteça o que aconteceu com o governo federal em que o ministro da integração nacional repassou os recursos para os municípios da sua base deixando a população entregue ao seu próprio destino." (Marina Silva, no segundo bloco do debate)

No quarto exemplo, a candidata Marina Silva, do PV, apresenta em seu discurso uma grande preocupação com o meio ambiente e com constantes desabamentos ocorridos nos últimos anos. Ao discursar sobre o assunto, em sua réplica ao candidato José Serra, do PSDB, a candidata apresenta um *etos* de solidariedade, ao comentar sobre os desabamentos do morro do Bumba, em Niterói e do morro dos prazeres, no Rio de Janeiro. Esta imagem está extremamente relacionada ao *pathos*, demonstrando o que foi dito nos itens II e III. O *etos* está engendrado no *logos*, no discurso e para que o enunciador consiga persuadir o seu auditório, ele deve utilizar-se da trilogia aristotélica.

Esta imagem está diretamente relacionada com o *pathos*, pois é através do sentimento de dor dessas famílias, que perderam suas casas e entes queridos, que a candidata encaminha o seu discurso, instaurando esta imagem como meio de persuasão, estando atenta às necessidades e às aspirações dessas famílias. Ela apresenta um "falar regional", muito em virtude de seu forte sotaque, que explicita a sua origem, no Norte do país, criando uma identificação com os moradores do Norte e Nordeste do Brasil.

No discurso da candidata, também pode ser observado um ataque à imagem de Dilma Rousseff, do PT, de maneira implícita, ao criticar o atual governo federal: "O que aconteceu com o governo federal em que o ministro da integração nacional repassou os recursos para os municípios da sua base deixando a população entregue ao seu próprio destino". Ela ataca o governo que é defendido e atrelado à imagem da candidata adversária, como pode ser observado no primeiro exemplo desta análise, tentando afetar de alguma maneira a imagem

instituída pela candidata do partido dos trabalhadores. A candidata também apresenta um *etos* de inteligência, com a utilização de palavras que geralmente não são utilizados no dia a dia da população, como ceifadas, apresentando um "bem falar" na sua argumentação, se destacando com um linguajar privilegiado e apurado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, no discurso político, além do próprio discurso (*logos*), com a argumentação dos candidatos, da apresentação de propostas para a melhoria da população e da persuasão pelo afeto, buscando uma aproximação com o eleitor (*pathos*), as imagens que o ator político institui de si mesmo numa cena discursiva são extremamente importantes, pois através dessas imagens (*etos*) o candidato busca a identificação e a credibilidade para conseguir a adesão de novos eleitores, com o intuito de vencer as eleições e se constituir no cargo público que deseja.

Em todo discurso existem essas imagens, desde as trocas verbais mais comuns, como um diálogo entre amigos, até um debate televisionado, como foi o texto selecionado neste trabalho. Essas imagens dependem muito do caráter moral e dos valores éticos e comportamentais que o enunciador apresenta perante ao auditório para o qual ele está discursando. O enunciador deve ter um conhecimento prévio dos costumes e valores da sociedade, ou seja, dos seus interlocutores.

Os *etos* se mostram ao longo desse jogo, sendo imagens extremamente frágeis, com o candidato podendo obter êxito ou não em determinado contexto, dependendo de diversos aspectos como o momento histórico, as circunstâncias e os valores sociais que os eleitores esperam de seus governantes em determinada época.

Ao longo do debate aqui analisado, com os candidatos à presidência da república de dois mil e dez, pôde-se perceber que essas imagens são confrontadas, sendo expostas e correndo sérios riscos de serem manchadas pela tentativa de desqualificação dos adversários políticos. Essa busca de se sobressair na desconstrução do outro, institui um "jogo de máscaras", que seria um jogo de significações, com a preservação e a desqualificação dos atores políticos, no qual os candidatos utilizam-se do recurso das máscaras, ou seja, do parecer ser verdadeiro.

Esses recursos foram muito utilizados pelos candidatos, com diversas imagens sendo instituídas e confrontadas ao longo do debate, como as imagens de político competente, de

caráter, sério, experiente, entre outras. Além deste recurso, os candidatos utilizaram-se dos procedimentos expressivos, que são ligados à oralidade, à maneira de discursar, caracterizando a enunciação do ator político numa cena discursiva, como o falar tranquilo, regional, forte e o bem falar. Esses recursos são fundamentais na busca incessante de se eleger em um pleito bastante concorrido, em que qualquer falha pode prejudicar a imagem do candidato.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Trad.: PAULIUKONIS, M.A.L. & MACHADO I. L. São Paulo: Contexto, 2008a.

_____. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2008b.

_____. *Uma análise semiolinguística do texto e do discurso*. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (Orgs.) *Da Língua ao Discurso: Reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. 8ª ed. São Paulo. Editora Ática, 2004.

CORACINI, Maria José. 1991. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. Campinas, SP: Pontes.

KOCH. Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 9. ed. - São Paulo, Cortez, 2004

MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P. (et al.) *Gêneros textuais e ensino*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2005.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Orgs.). *Manual de Lingüística*, 1ª. ed. – São Paulo: Contexto, 2008.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. *Marcas discursivas do enunciador midiático: casos de modalização autonímica*. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (orgs.) *Texto e Discurso: mídia, literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

Como citar este artigo:

EDUARDO, Luiz Felipe Melo. *As estratégias do discurso político: uma análise de imagens e procedimentos linguísticos*. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 19, out. - nov. 2014, p. 459-475.

Disponível em:

<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num19/estudos/palimpsesto19estudos05.pdf>.

Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507

ⁱ Segundo Marcuschi (*apud* Dionísio et al., 2005:23), gêneros textuais são realizações linguísticas concretas definidas por suas propriedades sócio-comunicativas. Constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas. Sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função.

ⁱⁱ A teoria semiolinguística apresenta um contrato comunicacional que seria uma série de acordos e relações que o enunciador e o interlocutor de um ato de comunicação devem compartilhar para que o processo de comunicação seja completado. Esse processo de comunicação se define tanto pelos aspectos linguísticos quanto pelos extralinguísticos, como o contexto.

ⁱⁱⁱ A mecânica do debate foi estabelecida pela rede globo de televisão com os candidatos e os partidos presentes, com cada candidato tendo trinta segundos para estabelecer uma pergunta para um adversário de sua escolha. Já o outro candidato teve direito a dois minutos para desenvolver a sua resposta. Logo em seguida, o candidato que fez a pergunta teve direito a um minuto para a sua réplica e o candidato que respondeu teve direito a uma tréplica, também de um minuto. Este mecanismo foi desenvolvido para manter o equilíbrio entre os candidatos, garantindo, assim, que cada um dos políticos tenha o direito de fazer perguntas e de responder a cada bloco.

^{iv} Esse debate foi realizado no dia trinta de setembro de dois mil e dez, às vinte e duas horas, sendo transmitido pela rede globo de televisão, obtido por meio de uma gravação e transcrito.